

## O ensino de gênero na universidade: diretrizes ou militância?

Simone Reis Nunes<sup>1</sup>  
Graziela Cucchiarelli Werba<sup>2</sup>

**Resumo:** Os dados oficiais dão conta de que as políticas públicas de gênero efetivaram-se no Brasil a partir de 2003. No Rio Grande do Sul, tem sido o atual governo o mais atuante e que provocou maiores mudanças nessa área. Como docentes do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) Torres e militantes no enfrentamento das diferenças de gênero, decidimos investigar o que tem sido feito no âmbito do ensino de gênero nas universidades. Questionamo-nos sobre as diretrizes da educação, e o quanto elas contemplam a discussão e reflexão sobre o tema gênero entre alunos e alunas de cursos superiores. Nossa intenção, com este trabalho, é ir além da investigação, pensando estratégias para que o ensino de gênero nas universidades seja uma realidade possível e que promova a dialogicidade do espaço acadêmico com o espaço social comunitário. Diálogo este que se propõe através do Projeto de Extensão Universitária Cinderela Está Tendo Ideias, que utiliza o teatro como ferramenta para o ensino e discussão de gênero entre alunos, alunas e comunidade. Ao longo do trabalho, apresentamos o projeto e fazemos a discussão desta matéria através de uma pesquisa-ação, amparada pelas Teorias de Gênero e da Psicologia Social Histórico-Crítica.

**Palavras-chave:** Ensino de Gênero; Teatro; Educação.

## The gender education in the university: guidelines or militancy?

**Abstract:** The official data realize that public policies of gender are effectively implemented in Brazil since 2003. In Rio Grande do Sul, the actual government has been the most active and caused major changes in this area. As teachers of the Psychology Course of ULBRA TORRES and militants in fighting of differences of gender, we

---

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA - Campus Torres), Especialista em Gestão Comunitária e Saúde Mental (ULBRA - Campus Torres). E-mail: <simone.reis.nunes@hotmail.com>

<sup>2</sup> Graduação em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), mestrado e doutorado em Psicologia pela PUCRS. E-mail: <grazielaWerba@terra.com.br>

decided to investigate what has been done in the context of gender education in universities. We questioned about the guidelines of education and how much they include the discussion and reflections on the theme gender between students of higher education. Our intention with this work is to go beyond of research, planning strategies for teaching gender in the universities is a possible reality and that promotes in academic space the dialogicity with the community social space. This dialogue which aims through University Extension Project Cinderella is Taking Ideas. Using the theatre as an instrument for teaching and discussion of gender among students and community. Throughout the work, we present the project and make a discussion of this topic though an action – research, supported by The Gender Theory and Social Psychology History Critical.

**Keywords:** Gender Education; Theater; Education.

## Introdução

O ensino de gênero no Brasil tem avançado, na última década, em direção à transversalidade. No Rio Grande do Sul, a partir da transformação da Coordenadoria da Mulher em Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres, os estudos de gênero foram introduzidos como tema transversal nas várias instâncias da estrutura governamental. Toma-se como exemplo a Lei nº 14.484, de 30 de Janeiro de 2014, que instaura a linguagem de gênero como obrigatória nos documentos oficiais do Estado. Na educação, estamos caminhando, mesmo a passos curtos, para implantar definitivamente a transversalidade de gênero nos currículos escolares de ensino fundamental e médio.

A partir destes avanços, e como pesquisadoras e militantes no espaço acadêmico, passamos a nos questionar o que tem sido feito neste contexto, no sentido de se trabalhar o ensino de gênero com o corpo discente do Curso de Psicologia ULBRA Torres. A proposta deste artigo é analisar de que forma esta transversalidade pode ser continuada, e que direcionamento tem sido dado para que alunos e alunas de graduação e pós-graduação se tornem capacitados em gênero, tomando consciência de seus papéis sociais e se tornando multiplicadores de um novo olhar sobre estes papéis.

Trouxemos para este trabalho nossa experiência prática com alunos e alunas do curso de Psicologia da ULBRA Campus Torres cujo objetivo é promover conhecimento das relações de gênero através de atividades que provoquem momentos de discussão e reflexão a respeito da condição da mulher na contemporaneidade. No Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a ULBRA Campus Torres desenvolve diferentes atividades com o enfoque de gênero e possui vários trabalhos em andamento com outros segmentos da população, através de projetos de extensão, entre eles, o Projeto Assessoria em Psicologia

Jurídica, de onde saiu o primeiro projeto denominado A Cinderela Mudou de Ideia, do qual o Cinderela Está Tendo Ideias é um desdobramento. Este primeiro projeto surgiu do contato, pelo grupo, com o livro A Cinderela Mudou de Ideia, escrito pela espanhola Nunila Lopez Salamero e ilustrado por Myriam Cameros Sierra. O livro conta a história de uma Cinderela moderna, mas presa a antigas tradições: casar com um príncipe, cozinhar para ele, cuidar da casa, abrindo mão de suas escolhas, como a dança e a dieta vegetariana. Ao lermos o livro, a ideia do teatro surgiu naturalmente, assim como o roteiro, totalmente construído pelo grupo. A peça teve sua estreia no dia 8 de março de 2012, no saguão da ULBRA Torres, como parte das atividades do Dia Internacional da Mulher.

A escolha pelo contexto universitário visa promover o conhecimento das relações de gênero como temas transversais na educação, não apenas no ensino Fundamental e Médio, mas também na graduação. A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos e alunas do curso de graduação em Psicologia da ULBRA Campus Torres, Litoral Norte do Rio Grande do Sul que participam do Projeto Cinderela Está Tendo Ideias, e que se propuseram a responder a pergunta: “na sua compreensão, qual a importância do projeto Cinderela Está Tendo Ideias?”. A investigação teve o intuito de averiguar as possíveis mudanças de paradigma destas pessoas no que se refere aos temas gênero e violência de gênero, já que a peça encenada trata destes assuntos.

Para esta pesquisa qualitativa, utilizamos, através de uma pesquisa-ação, entrevista e observação participante, técnicas através das quais pudemos vislumbrar claramente o que pretendíamos investigar: o que pode ter mudado no olhar dos sujeitos envolvidos sobre os temas gênero e violência de gênero?

Os resultados encontrados serão discutidos mais adiante onde também abordaremos, a partir de nossa trajetória no curso, que relações essas atividades teriam com as diretrizes nacionais e regionais referentes às políticas de gênero.

### **Apresentação dos resultados**

Segundo Werba (1999), em uma pesquisa qualitativa, em geral os dados quantitativos são raros, senão inexistentes. No caso de uma pesquisa-ação, é natural que seja dada maior relevância às informações de natureza qualitativa.

A partir desta perspectiva, discutiremos os elementos mais frequentemente abordados na coleta de dados, que se deu na forma de Observação Participante e Entrevista em Profundidade.

De acordo com Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012, p. 1):

O uso de entrevistas em profundidade na pesquisa qualitativa deve ser apreciado e valorizado, considerando a riqueza de informações que podem ser obtidas e a possibilidade de ampliar o entendimento dos objetos investigados através da interação entre entrevistado e entrevistador, mas enfatizamos que a definição do método de pesquisa que deverá ser utilizado depende da natureza do objeto investigado, do problema de pesquisa e da abordagem paradigmática que guia o pesquisador.

A entrevista foi realizada da seguinte forma: inicialmente foi distribuída uma questão aos alunos e alunas participantes, a fim de que expusessem sua compreensão sobre a importância do projeto.

Dos 15 acadêmicos e acadêmicas participantes do projeto, 12 responderam à seguinte questão: “Na sua compreensão, qual a importância do Projeto Cinderela Está Tendo Ideias?”.

Posteriormente, a partir das respostas obtidas, construímos algumas categorias de análise cujo quadro-resumo apresentamos a seguir:

**Tabela I – Resultados da Entrevista (em categorias)**

| CATEGORIAS  | PARTICIPANTES | RESPOSTAS | PERCENTUAL<br>(valores arredondados para cima) |
|---|---------------|-----------|--|
| 1. Alerta/Reflexão sobre Violência de Gênero          | 12            | 7         | 60%  |
| 2. Levar às pessoas a questão de gênero               | 12            | 6         | 50%  |
| 3. Forma lúdica de reflexão                           | 12            | 6         | 50%  |
| 4. Alerta para tipos de violência                     | 12            | 4         | 33%  |
| 5. Iniciação nos estudos de Gênero                    | 12            | 3         | 25%  |
| 6. Romper paradigmas                                  | 12            | 3         | 25%  |
| 7. Encorajar a mulher a romper o ciclo (da violência) | 12            | 1         | 8%   |

FONTE: Dados da pesquisa.

A partir destes resultados, optamos por discutir as três categorias mais citadas. São elas:

1. Alerta/reflexão sobre violência de gênero: nesta categoria, foram incluídas as respostas que definiam claramente a importância do projeto como algo que lhes proporcionava reflexão sobre a violência à mulher, representada na peça pela personagem Cinderela. Percebe-se que o projeto adquire o status de ferramenta de questionamento, fazendo com que as pessoas ponderem sobre seus paradigmas e, quem sabe, os modifiquem. Aqui, ele, o projeto, assume seu papel mais relevante, atingindo dois dos objetivos propostos: discussão do tema e possível mudança de paradigma. Falas como as que apresentamos a seguir, asseveram:

*Acredito que este projeto ajudará na compreensão e reflexão sobre agressões que, infelizmente, fazem parte do cotidiano de muitas mulheres. M.P.*

*Creio que tenha como objetivo principal trazer a reflexão deste problema, de forma que ela possa servir para nos ajudar a combater o que ainda é presente e que todos nós sabemos, mas, de certa forma, mascaramos: a violência física ou verbal. L.S.*

*O projeto nos conscientiza para este problema social e desconstrói a ideia de que uma mulher precisa obrigatoriamente de um 'príncipe' para ser feliz. C.M.*

Essas falas remetem a Inoue (1999), que destaca o conhecimento como uma construção social, algo que se produz também coletivamente, e não apenas internamente, como se pensava. A autora ressalta que o/a aluno/a deve se perceber como parte de um grupo e, assim, construir seu conhecimento. Desta forma, “o processo de construção do conhecimento é nitidamente individual, mas o encontro com o outro enriquece o caminho, o percurso (INOUE, 1999, p. 82)”.

2. Levar às pessoas a questão de gênero: nesta categoria, se encontram as respostas que se referem à interação com o público após as apresentações, onde se discute com a plateia o tema da peça. Os entrevistados e as entrevistadas percebem como segundo ponto relevante do projeto o seu alcance externo. Em outras palavras, reconhecem seu caráter

de “projeto de extensão universitária”, com as características já citadas de interação/intervenção social. A interação *universidade versus comunidade* leva a discussão para fora dos bancos acadêmicos, atingindo mais um dos objetivos propostos no projeto: verificar de que forma o ensino de gênero, enquanto tema transversal do Ensino Superior, pode promover mudanças na forma de ver e viver as relações de gênero. Este “verificar” e este “promover mudanças” vão além do espaço acadêmico: atingem as ruas, a população leiga, que muitas vezes, se não sofre, ao menos tem contato com alguém que sofre violência de gênero, dado que aparece frequentemente nas falas da população durante as rodas de conversa.

*Para mim, essa é a principal importância: o fato de trazer discussões novas a respeito da violência de gênero e tentar por isto na vida das pessoas como um fato desumano e imoral, que deve ser extinto. L.S.*

*Acredito também que este projeto alertará para que a agressão psicológica não seja apenas um pequeno indício de violência, como é considerado por milhares de pessoas, e encorajar a mulher, ou até mesmo um conhecido da mesma, para que a vítima diga não ao sofrimento e zele por sua dignidade e uma vida saudável. M.P.*

Essas falas revelam um reposicionamento do olhar dos alunos e alunas sobre o projeto: o serviço que ele presta à comunidade enquanto instrumento de reflexão e informação sobre a violência de gênero. Olhar este que nos remete à proposta do Teatro do Oprimido, de Boal (2010), que considera que a atividade artística pode e deve representar uma tomada de posição em defesa dos menos favorecidos.

Nossa tomada de posição teórica e nossas ações concretas devem acontecer não porque sejamos artistas, mas porque somos cidadãos. Fôssemos veterinários, dentistas, pedreiros, filósofos, bailarinos, professores, jogadores de futebol ou lutadores de judô – qualquer que seja nossa profissão – temos a obrigação cidadã de nos colocarmos ao lado dos humilhados e ofendidos (BOAL, 2010, p. 28).

Assim, na perspectiva dos alunos e alunas participantes, o projeto representa, além de uma oportunidade de aprendizado, uma forma de comprometimento social a partir de seu aspecto de interação com a comunidade.

3. Forma lúdica de reflexão: nesta categoria, surge um ponto que achamos importante observar. Quando os pesquisados e as pesquisadas ressaltam o termo “forma lúdica”, percebe-se que o tema, para eles e elas, não é de fácil absorção. Esta percepção não é novidade, visto que, ao longo de nossa trajetória, muitas vezes sentimos de perto a dificuldade de se conversar sobre violência, e em especial, violência de gênero. É sabido que seres humanos rechaçam aquilo com que têm dificuldade de lidar. Cabe a nós, profissionais e militantes, tecermos estratégias válidas, que proporcionem às pessoas visualizarem o tema despindo-se do temor e da resistência que ele impõe.

Nas falas dos entrevistados e das entrevistadas, as palavras *lúdico*, *fácil*, *leve*, *simples* remetem à necessidade de se tratar os temas gênero e violência de gênero de forma menos, digamos, traumática.

Falar sobre violência é tabu, e como tabu, tende a ser evitado. Chauí (1998, p. s/n), conjectura a respeito do tabu da violência no Brasil e suas possíveis origens:

Em resumo, a violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade [...]. Mais do que isto, a sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas porque está cega ao lugar efetivo de produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira. Dessa maneira, as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, a corrupção como forma de funcionamento das instituições, o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, sexual e política não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta e a violência aparece como um fato esporádico de superfície. Em outras palavras, a mitologia e os procedimentos ideológicos fazem com que a violência que estrutura e organiza as relações sociais brasileiras não possa ser percebida, e, por não ser percebida, é naturalizada e essa naturalização conserva a mitologia da não violência com a qual se brada pelo "retorno à ética".

Partindo do pensamento da autora, a violência, por ser invisibilizada, acaba por ser também naturalizada. Logo, tratá-la como assunto a ser discutido, gera desconforto. No caso do projeto Cinderela Está Tendo Ideias, as pessoas pesquisadas encontram no teatro uma forma “leve” de falar sobre um tema “pesado”.

Entendemos que o abrandamento da forma de tratar o tema seja uma estratégia eficiente para trazê-lo à discussão, tornando-o visível e fazendo com que as pessoas se apropriem dele. Apropriando-se, passam a tratá-lo como realidade. Tratando como realidade, (re)posicionam-se. E, assim, se constroem visibilidades. E, assim, se constrói o enfrentamento.

## Discussão

### a) Gênero e violência de gênero

É necessário que se compreenda o que trata o conceito gênero, pois nem sempre este conceito é entendido da mesma maneira por todas as pessoas. Segundo Louro (2004), para entendermos o conceito de gênero, precisamos recuperar um pouco dos processos no quais ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em diversos momentos da História.

É importante contrapor-se à justificativa de que as desigualdades sociais entre homens e mulheres sejam remetidas às características biológicas.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 2004, p. 21)

As diferenças de gênero vão muito além do que simplesmente diferenciar o que é masculino do feminino na medida em que implicam na representação social que homens e mulheres têm da sociedade, do que é apreendido na convivência familiar, sobretudo no convívio social. Assim, os gêneros acabam se constituindo nas e pelas relações de poder.

Ou seja, os estudos de gênero permeiam os papéis sociais de homens e mulheres e como esses papéis se compõem. Werba (1999, s/n) apud Witt, reforça que:

(...) gênero é a palavra utilizada por pesquisadoras, em especial pelas feministas, para se referir à organização social da relação entre os sexos, com o objetivo de compreender a importância dos grupos de gênero dentro do passado histórico, de descobrir a extensão dos papéis sexuais em diferentes sociedades e períodos e de encontrar qual era seu sentido e como estes funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

Strey e Werba (2001, p. 72) definem que "violência de gênero envolve ações ou circunstâncias que submetem unidirecionalmente, física e/ou emocionalmente, visível e/ou invisivelmente as pessoas em função de seu sexo." Considera-se violência de gênero, portanto, as relações de poder assimétricas entre os gêneros que reproduzem situações de violência. Strey (2000) assevera que qualquer pessoa que tenha seus direitos mais fundamentais ou mais complexos violados, está diante de uma violência ou de um



crime contra os direitos humanos. Configura-se uma violência de gênero quando este crime ocorre devido à vítima pertencer a outro gênero.

É sabido que, em se falando de gênero, as diferenças vão muito além de diferenciar o masculino do feminino. Elas passam por relações de poder, perpetuadas na família, na cultura, no espaço público e privado.

No contexto educacional, tais diferenças se produzem e acentuam-se. Para Louro (1997) a escola é historicamente um local onde as ações determinam as desigualdades, separam os sujeitos num processo de classificação, ordenamento e hierarquização. É neste espaço que pretendemos intervir com o tema gênero e sexualidade, contemplando a transversalidade na Educação.

#### **b) O ensino de gênero na universidade: estratégias possíveis**

No início do período letivo de 2014/1, ainda nos primeiros contatos com os alunos e alunas do curso de Psicologia da ULBRA Torres, tivemos a oportunidade de abordar o tema gênero em uma palestra. Percebemos, ao mesmo tempo, receptividade ao tema, curiosidade e vontade de aprender sobre ele, já que os estereótipos estavam claros naqueles jovens estudantes. Surgiu, então, a questão que passou a nortear esta pesquisa: “Que articulações podem ser feitas para abordar o tema gênero no Ensino Superior e que ferramentas podem ser utilizadas para isto?”.

Esta pesquisa nos mostrou as mudanças de paradigma que podem ser promovidas através de um projeto realizado com dedicação e amor à causa das mulheres. Como citamos, a investigação se deu durante a retomada do projeto A Cinderela Mudou de Ideia, interrompido no ano de 2012, e recuperado no período 2014/1 do curso de Psicologia, a partir de nosso ingresso no corpo docente da instituição, e com uma nova nomenclatura: Cinderela Está Tendo Ideias.

Louro (2011, p. 114), comenta a participação do movimento feminista na trajetória que pretende cessar as desigualdades sociais promovidas pelos processos escolares:

Feministas também fazem parte desta trajetória e, apoiadas/os em distintas matrizes conceituais, ensaiaram uma série de vias para o enfrentamento ou a superação das desigualdades de gênero na Educação. Assim foram e são elaborados repertórios de denúncias e estratégias de intervenção nas políticas educativas; são postas em questão as condições de continuidade ou de descontinuidade das formas escolares vigentes e, também, desenvolvidos modelos pedagógicos alternativos.

Embora a autora se refira às desigualdades de gênero no âmbito escolar, é fácil transpor tal situação às demais esferas socioculturais. Daí a ideia de gênero como tema transversal e de estratégias possíveis para seu ensino não só no âmbito escolar, mas também no ensino superior. Isto porque pudemos vivenciar, enquanto acadêmicas e na qualidade de docentes, o longo caminho a percorrer rumo ao estabelecimento de uma cultura de equidade entre homens e mulheres.

Inoue, Migliori e D'Ambrosio (1999, p. 98), ao ressaltar que “tudo deve caber na escola”, ponderam a relevância dos temas transversais, entre eles, o gênero como parte integrante do currículo, e mais do que isto, destacam que as instituições de ensino devem estar aptas para trabalhar demandas que não se reduzem ao ensino-aprendizagem, mas àquilo que os e as alunas trazem como necessidade em todo o processo escolar/universitário.

As relações que se estabelecem numa escola são muito mais ricas que a mera transmissão de informação, são cocriadoras da realidade, com emoção, com conhecimento, com a partilha... Isso enriquece a aprendizagem mesmo que não haja ninguém objetivamente ensinando.

A informação pode estar lá disponível a todo instante. O aprendizado vai acontecer por conta de todo esse processo. E a escola passa, então a ser um local para todos/as (D'AMBROSIO, 1999, p. 99).

A relação que pensamos ser necessário destacar é a da escola com a universidade. Embora a segunda seja tratada separadamente por alguns autores, pensamos que o âmbito da educação, no que tange aos estudos de gênero, escola e universidade se assemelham em demanda de necessidade. E esta é a razão *sine qua non* deste trabalho: a necessidade de se discutir a igualdade de gênero entre os/as universitários/as a partir do que se observa em sua postura diante da apresentação do tema: curiosidade, interesse e até certo grau de surpresa com as considerações apresentadas. Como dissemos, os estereótipos estão vivos e o enfrentamento da desigualdade se faz necessário.

Rizzato (2012, p. 1), pondera a respeito das políticas públicas de gênero e sexualidade no Brasil:

No Brasil ainda é lento o avanço com relação à inclusão da perspectiva de gênero/sexualidade nas políticas educacionais mais amplas, mas houve progressivas mudanças no período entre o final dos anos de 1990 e, com maior ênfase, em meados dos anos 2000, com as políticas formuladas para responder especificamente às desigualdades de gênero e sexualidade identificadas no sistema educacional brasileiro. Alguns documentos internacionais contribuíram para esta discussão, como a Declaração Mundial sobre Educação para todos –

Tailândia 1990, o Relatório Delors – França 1996. [...] Todos esses documentos foram assinados pelo Brasil, que assumiu esforços na questão das desigualdades de oportunidade baseadas em desigualdades de gênero e das diferentes formas de discriminação desencadeando desigualdade de direitos.

A pesquisa realizada entre alunos e alunas do curso de Psicologia trouxe a relevância de se ensinar gênero de forma lúdica, leve, mas com a seriedade que o tema exige. Seriedade, neste caso, não seria o mesmo que sobriedade, permitindo que se trate o assunto de forma branda, mas não com menos importância. Como contemporizava Che Guevara: “há que endurecer-se, mas sem perder a ternura”.

Pudemos identificar esta necessidade nas falas dos entrevistados e das entrevistadas, pois, ao serem perguntados sobre a importância do Projeto Cinderela Está tendo Ideias, 50% das respostas giraram em torno da categoria “forma lúdica de reflexão”. Percebe-se, portanto que, embora se reconheça a importância de se pensar/falar sobre o tema, torna-se muito mais fácil se for feito de forma leve e interessante. A fala da aluna V.S., participante do projeto, reflete bem esta questão:

*Como acadêmica de Psicologia, vejo o projeto como uma forma lúdica e leve, funcionando como porta de entrada da informação sobre a violência doméstica – principalmente – e também uma iniciação nos estudos de gênero, através da dramatização, consegue com que repensemos nossos papéis sociais. A história da Cinderela contada dessa forma, a meu ver, possibilita tratar de um assunto sério, de uma forma simples, que não se torna maçante pro espectador. A história, além de tudo, envolve muito a plateia por ser contemporânea e fiel à realidade nas situações que ela traz.*

Neste contexto, o teatro se configura como um instrumento ideal para este aprendizado, como veremos a seguir.

### **c) O teatro como ferramenta no ensino/estudo de gênero**

Inicialmente, falemos de arte. Aquilo que Augusto Boal (2005) chama de “visão do mundo em transformação”, e sobre a qual questiona: “Deve a arte educar, informar, organizar, influenciar, incitar, atuar, ou deve ser simplesmente objeto de prazer e gozo? (p. 35)”. Pensamos que a primeira hipótese se ajusta ao que pretendemos com esta pesquisa: incitar à reflexão com o intuito de transformar.

Todas as formas de arte possuem, intrinsecamente, o poder de dialogicidade entre autores, autoras e público. No caso desta pesquisa, a atividade teatral desenvolvida pelo grupo de alunos alunas e voltada para a pedagogia de gênero (LOURO, 2011), traz este diálogo para duas esferas: a acadêmica e a comunitária.

Na educação, a atividade teatral é abordada, de forma geral, como forma de expressão e desenvolvimento pessoal. Reverbel (2010) constrói sua metodologia baseada em Psicologia Evolutiva, Filosofia da Educação, entre outras, utilizando como referência autores como Piaget, Platão, Aristóteles e Moreno. Em pesquisa realizada em 2010, a autora conclui (p. 138):

O professor poderá, sem dúvida, aplicá-las no ensino de qualquer uma das disciplinas do currículo pleno. Acreditamos que, se o aluno desenvolver suas capacidades de expressão, ou seja, espontaneidade, percepção, observação, imaginação e relacionamento grupal, estará aberto para todo o tipo de aprendizagem.

Entendemos que o teatro tem condições de prestar um serviço ainda mais profundo no que tange às relações que se estabelecem no processo de construção e execução de um projeto. Os vínculos criados, a atividade grupal e seus fenômenos, fazem parte, também, de um processo de desenvolvimento não apenas pessoal, mas de coletividade.

Gallo e Sakamoto (2001, p. 30), conjecturam sobre a ideia do teatro como espaço potencial, a partir da concepção de Winnicott:

A idéia de Espaço Potencial, de acordo com Winnicott (1970), é portanto, de um lugar em que o ser humano expressa suas tendências pessoais; compartilha com o outro sua experiência; exercita seu potencial criativo, construindo uma vida interior e de relacionamentos saudáveis. Este mesmo espaço, pode-se dizer que é o próprio espaço do Teatro, principalmente devido à característica de interação e desenvolvimento que ele possui, incluindo abertura, continência e liberdade para o indivíduo ser e fazer.

O conceito de Espaço Potencial de Winnicott fica claro na experiência dos acadêmicos e acadêmicas que participam do Projeto Cinderela Está Tendo Ideias, como podemos perceber na fala da entrevistada V.C.:

*Quando se trata de gênero e violência, muitas vezes precisamos de um 'estalo' na*

*mente para atentar a estas questões. O Projeto da Cinderela é muito bom para dar esse 'estalo'. O teatro é suave, engraçado e questionador. Como participante do projeto, me sinto realizada, pois sei que poderei ajudar muitas mulheres a se empoderarem. O projeto é de extrema importância para a nossa sociedade e cultura.*

Destacamos, tanto na fala da entrevistada, quanto na noção de Espaço Potencial de Winnicott, a questão das “relações” que a prática teatral promove, no que se refere ao grupo atuante, bem como ao público que assiste e que, neste caso, não se limita a mero espectador, como defende Boal (2010, p. 236):

[...] O espectador, ser passivo, é menos que um homem e é necessário reumanizá-lo, restituir-lhe a sua capacidade de ação em toda a sua plenitude. Ele deve ser também um sujeito, um ator, em igualdade de condições com os atores, que devem por sua vez ser também espectadores.

Boal refere o conceito de teatro popular, mas o emprestamos a fim de ilustrar a condição de integração entre atores e público nas apresentações da peça A Cinderela Mudou de Ideia, quando, a cada final, se promove uma roda de conversa sobre gênero, violência e equidade, entre atores, atrizes e público presente.

É esta discussão livre e aberta que corrobora um dos objetivos da Extensão Universitária: promover intervenção da academia sobre a comunidade no sentido de contribuir para seu crescimento em todas as esferas possíveis.

De acordo com Scherer (2005, p. 22):

A instituição universitária deve, portanto, estar comprometida com o destino dos homens [e mulheres], associando o máximo de qualificação acadêmica com o máximo de compromisso social, sinalizando na direção da superação da fragmentação do conhecimento até então presente.

Esta associação de saber acadêmico com o compromisso social passa, neste caso, pela interação elenco/público e está representada pelo entendimento e troca de conhecimento, a fim de que a população tire maior proveito possível dos serviços oferecidos no e pelo espaço universitário.

O teatro, aliado ao conceito de extensão universitária, tem se mostrado, portanto, uma eficiente ferramenta para o ensino de gênero, assim como para a reflexão sobre os temas gênero e violência por parte de alunos, alunas e comunidade.

### **Considerações finais**

Este artigo procurou discutir as estratégias possíveis para o ensino de gênero na universidade, e de que forma isto pode se dar.

A partir de nossa trajetória no curso de Psicologia da ULBRA Torres, tanto como aluna quanto como professoras, desenvolvemos o Projeto Cinderela Está Tendo Ideias como uma ferramenta para se trabalhar os temas gênero e violência nas comunidades. Ocorre que, ao longo desta trajetória, nossa Cinderela foi ganhando força e visibilidade, a ponto de, atualmente, estar sendo alçada ao status de um Projeto de Extensão Universitária independente, porque já não será mais parte do Projeto Assessoria em Psicologia Jurídica, mas um projeto isolado, com todas as possibilidades de ampliação que um trabalho desta ordem pode proporcionar.

É sabido que a cada quatro minutos uma mulher é morta no Brasil, e que o Estado do Rio Grande do Sul é o quinto mais violento entre os Estados da Federação (IPEA, 2014). Esta é uma realidade que, embora difícil de abordar, precisa ser enfrentada não apenas por estudiosos, mas pela sociedade civil. Entendemos que nosso papel neste contexto, enquanto militantes, psicólogas e educadoras, é visibilizar os temas gênero e violência de gênero, fazendo com que sejam parte do cotidiano de todas as pessoas.

Neste ponto da discussão, temos dois focos importantes a serem abordados. O primeiro são as relações de gênero, como elas acontecem e como são vistas (ou não vistas) por cada sujeito. Situações comuns do cotidiano, antes naturalizadas, passam a ser percebidas e questionadas. O ato simples de se rir de um comercial de cerveja que traz a triste metáfora da violência invisível (homens invisíveis perseguindo mulheres e lhes tirando as vestes), já não é mais encarado com naturalidade a partir do momento em que se discute sobre ele. As relações de gênero e a desigualdade que elas impõem a homens e mulheres nas situações diárias mais corriqueiras, quando percebidas, geram desconforto e, por consequência, mudança de paradigma. O segundo foco de discussão é a própria dificuldade de se refletir sobre este tema, justamente por estar tão cristalizado na cultura de homens e mulheres, e mais: de meninos e meninas.

O que percebemos nos bancos acadêmicos, a cada nova turma de calouros, é a naturalização destas relações assimétricas desde a mais tenra idade, e o que é mais preocupante: sem nenhum tipo de abordagem anterior, seja na família, na sociedade ou na escola. Daí, a demanda deste trabalho: pesquisar o que pode ser mudado, como esta

mudança pode se dar, e quais os caminhos possíveis para que essa transformação ocorra.

A pesquisa nos mostrou várias possibilidades, e também alguns resultados que nos fizeram acreditar estarmos no caminho de uma importante mudança de paradigma, ao menos no que se refere ao nosso universo acadêmico/comunitário. A partir desta investigação, nas palavras dos/as entrevistados/as, surgiu uma importante demanda que fará parte do projeto Cinderela Está Tendo Ideias, já a partir das próximas reuniões: um grupo de estudo com encontros quinzenais, para leitura e discussão da temática de gênero. Esta demanda surgiu da necessidade dos próprios alunos e alunas de se apropriarem do tema, a fim de estarem melhor preparados/as para as discussões com a comunidade após as apresentações da peça de teatro. Ou seja, o trabalho com o grupo de alunos/as gerou neles/as a necessidade de apreender para compartilhar, e consideramos que este seja um passo importante para o enfrentamento as desigualdades.

Ao observar os resultados da pesquisa, e partindo de nossa trajetória no que se refere à desigualdade de gênero, coube-nos algumas indagações: seria este trabalho parte das diretrizes estabelecidas para o ensino no âmbito nacional ou apenas militância? Como se deu este processo ao longo do tempo, desde antes de nossa entrada no campo?

A Psicologia da ULBRA Torres trabalha com o tema gênero desde o ano de 2001, quando as políticas públicas de enfrentamento à violência e discriminação de gênero eram pouco mais que um sonho de feministas. Esta iniciativa, como todas as outras na época, partiu de uma decisão pessoal. Foi uma década de um tremendo esforço, quase solitário, de algumas militantes espalhadas pelo país, buscando inserir, quase que à força, os conteúdos de gênero nos currículos. Neste caso, especificamente, as questões de gênero foram introduzidas na Psicologia ULBRA Torres por uma das autoras deste artigo.

Embora seja sabido que a emancipação feminina no Brasil tenha iniciado a partir da Segunda Guerra, com a revolução industrial (PRIORE, 2007), está claro que as mulheres ainda tem um caminho longo a percorrer no enfrentamento à violência e na constituição efetiva da equidade de gênero. Nacionalmente, as políticas públicas para as mulheres foram efetivadas a partir da criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM – em 2003. Embora, com a Lei Maria da Penha, tenhamos dado um salto para a visibilidade, a condição da mulher ainda está muito aquém do que se pode considerar igualdade. Segundo a SPM, uma de suas três áreas de atuação se refere a “programas e

ações nas áreas da Saúde, Educação, Cultura, Participação Política, Igualdade de Gênero e Diversidade”. Tecnicamente, esta área de ação seria responsável por, entre outras coisas, cuidar das diretrizes de gênero na Educação, parte inerente do tema de nossa pesquisa.

A Coordenação Geral de Programas e Ações de Educação e Cultura, que integra a SPM nacional, mantém três eixos básicos de atuação nesta área: Programa Mulher e Ciência, Visibilidade à Produção Cultural de Mulheres e Inserção do Debate de Gênero no Currículo Escolar. Este último nos interessa particularmente, visto que trata do debate no nível do Ensino Fundamental e Médio, efetuado através de Cursos de Extensão ou Especialização Universitária. Ou seja: o que se percebe, nas políticas públicas nacionais e estaduais, é uma lacuna clara no debate de gênero entre alunos e alunas da universidade. E nossa prática de mais de treze anos, em nível institucional, percebe (e trabalha) claramente nesta necessidade, seja através de Projetos de Extensão, seja incluindo o tema gênero nos planos de aula das diversas disciplinas, seja participando de eventos.

Ao concluirmos este trabalho, fica claro para nós o caráter de militância de nossa atuação no enfrentamento à desigualdade de gênero. Duas ponderações importantes a corroborar esta conclusão: primeiro que o início do trabalho se deu antes da implantação de políticas públicas para as mulheres no Brasil, ao menos de modo efetivo e oficial. O ponto de partida para a atuação da Psicologia da Ulbra Torres na causa das mulheres foi a persistência de docentes do campus e militantes feministas, ainda como acadêmicas e orientandas da então Dra. Marlene Strey. Segundo, que este trabalho tem sido passado a outras acadêmicas como uma espécie de herança, onde alunas se tornam mestras e formam novas companheiras e companheiros de causa. O que se vê, portanto, na Psicologia da Ulbra Torres, no que se refere ao ensino de gênero, é muito mais um trabalho de militância, movido pelo amor à causa, do que obediência a diretrizes que, sabemos, estão aquém do trabalho realizado nesta instituição.

O que fica para reflexão, a partir desta pesquisa, é justamente este caráter de “legado” que o ensino de gênero possui em nosso campo de trabalho. Legado este que está em sua quarta geração, e que, pretendemos, dará mais frutos, mas que não consideramos suficiente, visto que o apoio de políticas públicas, através de diretrizes mais efusivas, potencializaria a abrangência deste trabalho. Na Psicologia da Ulbra Torres, o ensino de gênero é movido, ainda, pelo amor à causa. No Brasil, não sabemos, mas temos motivos para crer que não seja muito diferente, o que nos torna ainda mais



responsáveis neste caminho tortuoso, porém, gratificante que é promover reflexão e mudança de paradigmas.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Conferência Nacional Livre de Educação e Gênero. Relatório Final**. Brasília/DF. 2013. Disponível em:

<<http://conae2014.mec.gov.br/images/doc/Conferencia%20Livre%20de%20Educao%20e%20Gnero.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2014.

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Coordenação Geral de Programas e Ações de Educação e Cultura**. Porto Alegre. 2011. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/subsecretaria-de-articulacao-institucional-e-acoess-tematicas/coordenacao-geral-de-programas-e-acoes-de-educacao/coordenacao-geral-de-programas-e-acoes-de-educacao>> Acesso em: 11 ago. 2014.

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. **Revista Teoria e Debate**. Edição 39. Outubro de 1998. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/etica-e-violencia?page=full>> Acesso em: 10 ago. 2014.

GALLO, Carolina A. SAKAMOTO, Cleusa K. Um Estudo Preliminar sobre o Teatro como Espaço de Desenvolvimento Humano. **Boletim de Iniciação Científica em Psicologia** – v.2, n.1, p.26-41. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/2/2\\_um\\_estudo\\_preliminar\\_sobre\\_o\\_teatro\\_como\\_espaco\\_de\\_desenvo.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/2/2_um_estudo_preliminar_sobre_o_teatro_como_espaco_de_desenvo.pdf)> Acesso em: 14 jun. 2014.

INOUE, Ana Amélia; MIGLIORE, Regina e D'AMBROSIO, Ubiratan. **Temas Transversais na Educação em Valores Humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

IPEA. **Violência contra a Mulher: feminicídios no Brasil**. Brasília/DF. 2014. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925\\_sum\\_estudo\\_femicidio\\_leilargarcia.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilargarcia.pdf)> Acesso em: 09 ago. 2014.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Assembleia Legislativa. Lei nº 14.484, de Janeiro de 2014. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias\\_det.jsp?ID=13303](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/noticias_det.jsp?ID=13303)> Acesso em: 11 jul. 2014.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis. Vozes. 2004.

NARVAZ, Martha. SANT'ANNA, Sita M. L. TESSLER. Fani A. Gênero e Educação de

Jovens e Adultos: a Histórica Exclusão das Mulheres dos Espaços de Saber-Poder. **Revista Diálogo**, n. 23, ago., 2013. Disponível em: <<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/917/905>> Acesso em: 11 jul. 2014.

OLIVEIRA, Verônica M.; MARTINS, Maria de F.; VASCONCELOS, Ana C. F. Entrevistas “em profundidade” na Pesquisa Qualitativa em Administração: Pistas Teóricas e Metodológicas. **Anais do Simpoi – Simpósio de Administração da Produção e Operações Internacionais**. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 8 e 9 de Outubro, 2012.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde**. Porto Alegre: Artmed. 2005.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2007.

REVERBEL, Olga G. **Jogos Teatrais na Escola**. São Paulo: Scipione. 2010.

RIZZATO, Liane K. Percepções Docentes sobre a Homofonia na Escola: entre Dissonâncias e Continuidades. **35ª Reunião Anual da Amped**. 21 a 24 de Outubro de 2012. Grupo de Trabalho 23: Gênero, Sexualidade e Educação. Porto de Galinhas. PE. 2012. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2006\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT23%20Trabalhos/GT23-2006_int.pdf)> Acesso em: 08 ago. 2014.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria do Planejamento. Porto Alegre/RS. 2012. Disponível em: <[http://www1.seplag.rs.gov.br/conteudo\\_puro.asp?ta=1&modo\\_exibicao=LISTA&cod\\_menu\\_pai=&cod\\_tipo\\_conteudo=&cod\\_conteudo=791](http://www1.seplag.rs.gov.br/conteudo_puro.asp?ta=1&modo_exibicao=LISTA&cod_menu_pai=&cod_tipo_conteudo=&cod_conteudo=791)> Acesso em: 20 jul. 2014.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Políticas para as Mulheres. Disponível em: <<http://www.spm.rs.gov.br/conteudo/4087/secretaria-de-politicas-para-as-mulheres---spm-rs>> Porto Alegre/RS. 2012. Acesso em: 20 jul. 2014.

SCHERER, Zeyne A. P. **Grupoterapia e Enfermagem: o estudante e a transição teórico-prática**. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto. 2005. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-30062005-095855/](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-30062005-095855/)> Acesso em: 02 nov. 2011.

WERBA, Graziela C. **Representações Sociais da Tensão Pré-Menstrual para Mulheres**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1999.